

## A VERVE SHAKESPERIANA EM TRADUÇÃO: O DESAFIO DOS TROCADILHOS

**Aluno: Rodrigo Neves de Carvalho**

**Orientador: Marcia A. P. Martins**

### **Introdução**

A riqueza do estilo shakespeariano caracteriza-se, entre outros aspectos, pela criatividade vocabular e pela abundância de recursos retóricos, tais como os jogos de palavras, ora criando efeitos de humor, ora de beleza poética (Martins, 2004: 127). talvez tivesse sido a necessidade métrica a responsável por esse seu cuidado obsessivo com a linguagem, exigindo esmero na fabricação de cada verso, mas, por certo, deve-se ao espírito do autor a excelência dos artifícios, visto que não tenham aflorado tão fartamente em outros dramaturgos.

Assim como os demais homens de seu tempo, Shakespeare voltava-se para o cânone clássico em busca de inspiração e orientação estética. Foi lá que, provavelmente, adquiriu o gosto pela ambigüidade, tanto a dramática quanto a lingüística, e o interesse pela discussão da essência e da aparência das coisas. Podemos imaginar que foi através da leitura dos autores antigos que se acendeu em seu gênio a necessidade de suplantá-los em sua própria arte e, dessa forma, se eternizar.

E que recurso melhor expressa a duplicidade e o engano do que o trocadilho? Que outro aspecto mais notabiliza o poeta por engenhosidade e inteligência? Acresce que os elisabetanos também apreciavam esse tipo de artifício (Mahood, 1989: 9), de modo que interessava a Shakespeare tê-los nas peças para agradar a platéia e prosperar comercialmente. Segundo alguns estudiosos, era a imaginação do autor que o levava a brincar com o sentido das palavras, ou ainda a situação em que seus personagens se encontravam, propícias ao trocadilho, e também “o fato de que este recurso ajudava a deixar bem clara uma visão da vida que ele pretendia mostrar numa determinada peça” (Martins, 2004: 127).

Como observa Martins (2004), essa preferência pelos trocadilhos nem sempre soou bem aos ouvidos dos críticos, sendo rejeitada por Samuel Johnson e pelos augustanos ingleses, e ignorada pelos vitorianos. Por conta dessa variação dos padrões estéticos literários, a própria identificação dos jogos de palavra se compromete, oscilando de acordo com as convenções vigentes em dado momento, que dão preferência a esta ou àquela estratégia de leitura, fazendo flutuar também o valor de sua utilização. Há de se notar, além disso, que a constante exegese empreendida ao longo desses quatro séculos na obra de Shakespeare, somada às mudanças sofridas pela língua inglesa, nem sempre documentadas devidamente, põe em xeque a própria eleição dos trocadilhos, seja por desaprovar os que a tradição tinha apontado, seja por fazer vir à tona novas ambigüidades (p. 127-128).

Visto que o estudo dos trocadilhos já representa um desafio na própria língua de Shakespeare, diante das mudanças sofridas pela língua inglesa ao longo de sua evolução, pode-se imaginar que esse desafio se torne ainda maior no contexto tradutório, quando é preciso encontrar equivalentes na língua de chegada que recriem ou reproduzam o recurso retórico, sob pena de descaracterizar o estilo shakespeariano. Tendo isso em mente, analisamos o tratamento dado aos trocadilhos nas traduções brasileiras de três peças shakespearianas, a saber, *The Taming of the Shrew*, *Twelfth Night* e *The Comedy of Errors*.

### **Objetivos**

A pesquisa objetivou determinar:

(i) o tratamento dado aos trocadilhos por diferentes traduções brasileiras da mesma peça feitas a partir de um texto-fonte integral em língua inglesa e publicadas sob forma de livro;

(ii) o efeito global obtido em cada peça pela escolha de estratégias tradutórias para esses recursos retóricos; e

(iii) as estratégias empregadas com maior frequência pelo conjunto de tradutores e o efeito disso na(s) image(ns) de Shakespeare construída(s) no sistema cultural brasileiro pelos tradutores e traduções analisados. Além disso, dá continuidade ao estudo iniciado por Marcia A. P. Martins, que examinou as soluções encontradas por tradutores brasileiros para os trocadilhos de *O mercador de Veneza* e se encontra publicado na coletânea *Visões e identidades de Shakespeare no Brasil* (Lucerna, 2004).

## Metodologia

Trocadilhos são jogos de palavras que exploram identidades formais e diferenças semânticas. A relação de identidade formal pode ser de quatro tipos: *homonímia* (pronúncia e grafia idênticas), *homofonia* (pronúncia idêntica e grafia diferente), *homografia* (pronúncia diferente e grafia idêntica) e *paronímia* (diferença ligeira tanto na pronúncia quanto na grafia).

Os trocadilhos que exploram a semelhança fônica e gráfica de vocábulos decorrem de dois tipos de relação: de *ambigüidade*, em que a palavra ou expressão aparece uma única vez, embora passível de duplo (às vezes, triplo ou quádruplo) sentido, e de *contigüidade*, em que a palavra ou expressão aparece mais de uma vez, em cada uma delas enfatizando-se uma acepção diferente ou uma mudança na classe da palavra. Algumas vezes, a palavra também pode ser repetida visando um duplo, triplo ou mesmo quádruplo sentido em uma ocorrência, e um sentido unívoco na seguinte.

O estudo foi realizado em três etapas: (i) identificação dos trocadilhos no texto original; (ii) localização das soluções tradutórias nos textos brasileiros; e (iii) categorização e análise das escolhas feitas pelos tradutores.

Para efeito da análise, os trocadilhos foram subdivididos em duas categorias: (a) trocadilhos propriamente ditos, criados propositalmente a partir de semelhanças formais ou sonoras entre duas palavras de sentidos diferentes, e (b) impropriedades, que decorrem da troca de uma palavra por outra corrompida e/ou inexistente, criando-se um efeito cômico.

Valemo-nos aqui das proposições teóricas dos estudiosos contemporâneos Dirk Delebastita (1993, 1994, 1996), M. Mahood (1988) e Malcolm Offord (1990) a respeito da natureza e papel dos trocadilhos na obra de Shakespeare, e também dos glossários de Onions (1986), Partridge (1996 (1947)) e Rubinstein (1989 (1984)) para identificá-los no texto-fonte.

Para a análise das soluções tradutórias foi utilizado o quadro de estratégias passíveis de serem empregadas pelos tradutores ao lidar com trocadilhos desenvolvido para o estudo já mencionado sobre *O mercador de Veneza*. São elas:

(a) *recriação* (o trocadilho identificado na língua fonte gera um outro trocadilho na língua meta, embora não equivalente ao original em termos de estrutura formal, estrutura semântica ou função textual);

(b) *reprodução* (o trocadilho é reproduzido na língua meta, mantendo-se inclusive o mesmo campo semântico dos vocábulos);

(c) *substituição* (o trocadilho é substituído por algum recurso retórico afim – como repetição, aliteração, rima, ironia ou paradoxo –, com o objetivo de obter uma equivalência de efeito);

(d) *compensação* (o tradutor introduz um trocadilho no texto meta em passagens nas quais o original não apresenta tais recursos);

(e) *explicitação* (o trocadilho propriamente dito desaparece e em seu lugar há o desdobramento do duplo sentido sob forma de dois itens lexicais distintos);

(f) *neutralização* (o trocadilho identificado no texto fonte é traduzido por estruturas que não criam o mesmo efeito retórico, embora possam tanto explicitar os dois sentidos da palavra, como manter apenas um dos sentidos da mesma);

(g) *omissão* (o termo ou o trecho onde se encontra o trocadilho identificado no texto fonte é suprimido).

As quatro primeiras estratégias conservam o efeito retórico na tradução, podendo ser consideradas estratégias de *manutenção*, enquanto que as duas últimas o eliminam, qualificando-se como estratégias de *apagamento*. Quanto à explicitação, também pode ser considerada uma estratégia de apagamento, na medida em que introduz uma espécie de glosa intratextual que busca preservar os dois (ou mais) sentidos contemplados, em detrimento da equivalência estilística., enquanto que as duas últimas o apagam. Quanto à explicitação, também pode ser considerada uma estratégia de apagamento, na medida em que introduz uma espécie de glosa intratextual, que busca preservar os dois (ou mais) sentidos contemplados, em detrimento da equivalência estilística.

O *corpus* selecionado para análise e informado na bibliografia constituiu-se de: (1) duas edições em inglês de cada uma das três peças escolhidas, a saber, *The Taming of the Shrew*, *The Comedy of Errors*, *Twelfth Night, or What You Will*; (2) as traduções brasileiras publicadas e disponíveis dessas mesmas obras, em um total de cinco para a primeira peça mencionada (por Carlos Alberto Nunes, Cunha Medeiros/Oscar Mendes, Newton Belleza, Millôr Fernandes e Barbara Heliodora), quatro para a segunda (por C. A. Nunes, Cunha Medeiros/Oscar Mendes, Barbara Heliodora e Beatriz Viégas-Faria) e novamente cinco para a terceira (por C. A. Nunes, Cunha Medeiros/Oscar Mendes, Barbara Heliodora, Sergio Flaksman e Beatriz Viégas-Faria). Vale observar que a escolha dessas peças foi relativamente aleatória, impulsionada pelo fato de pertencerem ao gênero “comédia”, em que se costuma observar uma grande quantidade de trocadilhos e impropriedades.

## Conclusões

Em *The Taming of the Shrew* foram identificadas 176 ocorrências de trocadilhos e 12 impropriedades, em *The comedy of errors*, respectivamente 144 e 1, e em *Twelfth Night*, apenas 33 trocadilhos e 4 impropriedades.

A análise das diferentes traduções das três peças revelou que:

(i) Em *The Taming of the Shrew* foram identificados 176 trocadilhos e 12 impropriedades, totalizando 188 jogos de palavras. As ocorrências, além de serem numerosas, também se apresentam, muitas das vezes, em seqüência. Esta foi a peça em que houve maior homogeneidade em termos do tratamento dos trocadilhos por parte dos tradutores. Considerando as cinco traduções analisadas, as soluções de apagamento (que incluem as estratégias de neutralização, omissão e explicitação) foram, em média, 140% mais frequentes do que as de manutenção (que englobam as estratégias de recriação, reprodução, substituição e compensação). A tradução que registrou o maior número de estratégias de manutenção (63) e o menor das de apagamento (125) foi a de Barbara Heliodora, sendo o pólo oposto ocupado pela de Cunha Medeiros/Oscar Mendes, na qual as soluções de apagamento superam as de manutenção em 176%. O panorama geral das soluções tradutórias para os trocadilhos e impropriedades pode ser observado no quadro que se segue.

<i>The Taming of the Shrew</i>	Carlos Alberto Nunes	Millôr Fernandes	Cunha Medeiros/Oscar Mendes	Newton Belleza	Barbara Heliodora
Recriação	22	24	14	14	22
Reprodução	34	30	35	35	33

Substituição	1	2	1	3	6
Compensação	1	0	0	0	2
(Total de soluções de manutenção)	58	56	50	52	63
Explicitação	2	1	0	0	2
Neutralização	126	126	135	134	116
Omissão	2	5	3	2	7
(Total de soluções de apagamento)	130	131	138	136	125
	188	188	188	188	188

(ii) Em *The Comedy of Errors* o número de ocorrências foi menor, 144 trocadilhos e uma impropriedade, e já não há tanta homogeneidade entre as quatro traduções publicadas. A de Beatriz Viégas-Faria é a que mais emprega estratégias de manutenção (56) e registra o menor número das de apagamento (89), seguida de Barbara Heliodora, (39 e 106, respectivamente), enquanto as outras duas traduções recorrem bem mais a essas últimas, em especial os parceiros Cunha Medeiros e Oscar Mendes, com 27 soluções de manutenção e 118 de apagamento, o que representa uma diferença de quase 340%. De modo geral, as soluções de apagamento (que incluem as estratégias de neutralização, omissão e explicitação) foram, em média, mais frequentes do que as de manutenção. Segue-se a tabela que quantifica o emprego das diferentes estratégias por parte dos tradutores:

<i>The Comedy of Errors</i>	Carlos Alberto Nunes	Cunha Medeiros/ Oscar Mendes	Barbara Heliodora	Beatriz Viégas-Faria
Recriação	7	12	11	21
Reprodução	22	15	26	33
Substituição	0	0	2	2
Compensação	0	0	0	0
(Total de soluções de manutenção)	29	27	39	56
Explicitação	1	1	1	2
Neutralização	115	93	91	84
Omissão	0	24	14	3
(Total de soluções de apagamento)	116	118	106	89
	145	145	145	145

(iii) Em *Twelfth Night*, talvez devido ao número bem mais reduzido de trocadilhos e seu caráter mais pontual, na medida em que não se observam as longas seqüências de jogos de palavras brincando com diferentes sentidos ou homofonias de um mesmo vocábulo, como ocorre nas outras duas obras, houve muito mais equilíbrio na proporção de estratégias de apagamento e de manutenção empregadas em pelo menos três das cinco traduções disponíveis. Enquanto Barbara Heliodora e Beatriz Viégas-Faria recorreram igualmente a 17 soluções de manutenção e a 20 de apagamento, na tradução de Sergio Flaksman chegou a

ocorrer um fato inédito – as soluções de manutenção (20) superaram as de apagamento (17). Os co-tradutores Cunha Medeiros e Oscar Mendes, com traduções para as três peças analisadas, mais uma vez foram os que mais recorreram a soluções de apagamento (25) e menos a soluções de manutenção (8), o que representa uma diferença de 211% em favor da primeira categoria. Observe-se a tabela abaixo, destacando-se o fato de que, assim como na peça anterior, nenhum tradutor recorreu à estratégia de compensação:

<i>Twelfth Night</i>	Carlos Alberto Nunes	Cunha Medeiros/Oscar Mendes	Sergio Flaksman	Barbara Heliadora	Beatriz Viégas-Faria
Recriação	4	1	8	7	2
Reprodução	9	8	12	10	14
Substituição	0	0	0	0	1
Compensação	0	0	0	0	0
(Total de soluções de manutenção)	13	9	20	17	17
Explicitação	0	0	0	2	1
Neutralização	22	28	15	17	19
Omissão	2	0	2	1	0
(Total de soluções de apagamento)	24	28	17	20	20
	37	37	37	37	37

O predomínio das estratégias que apagam o recurso retórico presente no original, que tanto assusta os que se preocupam com as “perdas tradutórias”, aparentemente não torna as peças menos engraçadas, nem seus diálogos menos espirituosos. A julgar pela recepção das peças no Brasil, os tradutores, apesar de optarem mais frequentemente pelas soluções de apagamento em detrimento das de manutenção, por motivos diversos, conseguem dar ao texto, por meio de outros recursos lexicais e estilísticos, um clima semelhante ao do original, fazendo com que os leitores/espectadores brasileiros possam apreciar a tão propalada verve do autor inglês.

### Referências

- DELABASTITA, Dirk (1993) **There’s a Double Tongue**: An investigation into Shakespeare’s wordplay, with special reference to *Hamlet*. Amsterdam/Atlanta: Rodopi.
- \_\_\_\_\_. (1994) Focus on the Pun: Wordplay as a Special Problem in Translation Studies. In **Target** 6:2, pp. 223-243. Amsterdam: John Benjamins.
- \_\_\_\_\_. (1996) Introduction. In *The Translator: Studies in Intercultural Communication. Wordplay and Translation*. Special Issue. Vol. 2, number 2, pp. 127-139.
- DUNTON-DOWNER, Leslie; RIDING, Alan (2004) **Essential Shakespeare Handbook**. London/New York: Dorling Kindersley.
- MAHOOD, M.M.([1957]1988) **Shakespeare’s Wordplay**. London/New York: Routledge.

- MARTINS, Marcia A.P. (2004) Traduzindo o trocadilho: o humor de *O mercador de Veneza* em português. In Marcia A. P. Martins (org.) **Visões e identidades brasileiras de Shakespeare**. Rio de Janeiro: Lucerna, pp. 127-148.
- OFFORD, Malcolm (1990) Translating Shakespeare's Word Play. In Peter Fawcett and Owen Heathcote (eds.) **Translation in Performance: Papers on the Theory and Practice of Translation**. Bradford, West Yorkshire: University of Bradford, Department of Modern Languages, pp. 104-140.
- ONIONS, C.T. (1986) **A Shakespeare Glossary**. Ampliado e revisto por Robert D. Eagleson. Oxford: Oxford UP.
- PARTRIDGE, Eric ([1947]1996) **Shakespeare's bawdy**. London/New York: Routledge.
- PARKER, Patricia (1996) **Shakespeare from the margins: language, culture, context**. Chicago. University of Chicago Press.
- RUBINSTEIN, Frank (1989) **A dictionary of Shakespeare's sexual puns and their significance** (2ª edição). London: Macmillan.
- SHAKESPEARE, W. (1966) **The Taming of the Shrew** (The Signet Classic Shakespeare). Ed. Robert B. Heilman. New York/London: Signet Classic.
- \_\_\_\_\_ (1993) **Twelfth Night** (Folger Shakespeare Library). Ed. B. Mowat e P. Werstine. New York: Washington Square Press.
- \_\_\_\_\_ (2005) **The comedy of errors** (Penguin Shakespeare). Ed. T.J.B. Spencer e S. Wells. London: Penguin.
- \_\_\_\_\_ ([1969] 1989) A megera domada. **Obras completas - volume II (Comédias)**. Tradução de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes. Rio de Janeiro: José Aguilar.
- \_\_\_\_\_ (1977) **Amansando Catarina**. Tradução de Newton Belleza. Coleção Teatro Clássico n. 2. Rio de Janeiro: Emebê.
- \_\_\_\_\_ (1990) **A comédia dos erros / O mercador de Veneza**. Tradução e Introdução de Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- \_\_\_\_\_ (1992) **The Taming of the Shrew** (The New Folger Library). Eds. Barbara A. Mowat; Paul Werstine. New York/London: Washington Square Press.
- \_\_\_\_\_ ([1994]2002) **A megera domada**. Tradução de Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM Pocket.
- \_\_\_\_\_ (s/d) **Sonho de uma noite de verão / O mercador de Veneza** (oitava edição). Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro.
- \_\_\_\_\_ (s/d) **A comédia dos erros**. Tradução de C. A. Nunes, Rio de Janeiro: Ediouro.
- \_\_\_\_\_ ([1969] 1989) A comédia dos erros. **Obras completas - volume II (Comédias)**. Tradução de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes. Rio de Janeiro: José Aguilar.
- \_\_\_\_\_ (1999) **A comédia dos erros**. Tradução de Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Lacerda.
- \_\_\_\_\_ (2004) **A comédia dos erros**. Tradução de Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: LP&M.
- \_\_\_\_\_ (s/d) **A comédia dos erros**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro.
- \_\_\_\_\_ ([1969] 1989) Noite de reis. **Obras completas - volume II (Comédias)**. Tradução de F. Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes. Rio de Janeiro: José Aguilar.
- \_\_\_\_\_ (1990) **Noite de reis, ou O que quizerem** (edição bilíngüe). Tradução de Sergio Flaksman. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- \_\_\_\_\_ (2004) **Noite de reis**. Tradução de Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Lacerda.
- \_\_\_\_\_ (2004) **Noite de reis**. Tradução de Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: LP&M.